

QUANDO BAILARINAS ENVELHECEM: gênero, corpo e envelhecimento

Carolina Barbosa de Lira*

Resumo

Se os corpos são gendrados, as experiências perante o envelhecimento também o são. Mulheres e homens vivenciam, portanto, o processo de envelhecimento de maneira distinta. Normalmente encarada como uma etapa da vida atrelada a consequências negativas, a velhice para as mulheres é cruel por se relacionar com a perda da capacidade reprodutiva. Envelhecer implica em mudanças no corpo e para as mulheres que possuem o corpo como instrumento de trabalho, como é o caso das bailarinas, esse processo pode ser ainda mais difícil de ser administrado. Este artigo busca analisar como mulheres bailarinas lidam com o processo de envelhecimento, atentando-se para as mudanças físicas e subjetivas.

Palavras - chave: Gênero; Bailarinas; Envelhecimento; Corpo.

Abstract

If the bodies are gendred, the experiences towards the ageing also are gendred. Men and women therefore experience the ageing process differently. Usually seen as a life stage tied to negative consequences, old age for women is cruel because it relates to loss of reproductive capacity. Aging implies changes in the body and for women who have the body as working tool, as in the case of dancers, this may be even more difficult to administer. This article seeks to analyse how women dancers deal with aging process, focusing on physical and subjective changes

Key – words: Gender; Dancers; Aging; Body.

* Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-PPGNEIM/UFBA.

1 - INTRODUÇÃO

Gênero e geração podem ser tomados como dimensões fundantes na vida social e sua possibilidade de análise, como teoriza Balandier (1977), pois expressam relações básicas em que são tecidas subjetividades e são traçadas trajetórias. As relações advindas do entrelaçamento entre essas duas categorias de análise causam impacto na forma como as tessituras formadas pelas subjetividades e trajetórias sociais se constroem.

A construção das gerações não tem uma duração pré-determinada. O pressuposto de que a construção das gerações dura uma vida inteira cria outras perspectivas para apreender os marcadores. Essa construção é flexível e fluida, pois não depende somente de um elenco de marcadores preestabelecidos, mas é definida também pelo sujeito, que é agente na sua própria trajetória.

Os marcadores sociais para designar a entrada de um indivíduo em uma determinada etapa da vida são variáveis. Fases da vida como infância, juventude, maturidade e velhice já foram estudadas por diversos teóricos, tomando como premissa a questão exclusivamente etária. O trabalho de Elaine Muller (2004) demonstra que adotar o critério apenas da idade é insuficiente para dar conta dos processos que atravessam o binômio idade/gerações. Ao estudar a transição da juventude para a vida adulta, Muller colheu, de um dos entrevistados, o relato de que “transição é a vida inteira”. Essa afirmação levou-a a repensar a questão dos marcadores para cada etapa da vida e se tornou o mote do seu trabalho.

As etapas da vida e a tomada de consciência de geração têm delineamentos que são impostos pelas gerações adjacentes, em que as relações são mediatizadas pelas instituições sociais. Esse processo torna possível o imbricamento, em suas respectivas definições, de etapas de vida, processos de envelhecimento e formação de gerações (ATTIAS-DONFUT, 1998).

Da infância até a velhice, são criadas relações com o tempo interior e também com o tempo social. Em todas as etapas da vida, tem-se dois marcadores temporais

distintos: o tempo social e o tempo interior, subjetivo. Como essas duas noções diferentes de tempo estão implicadas é que vão fornecer dados para uma análise complexa e, ao mesmo tempo, sensível, por agregar uma temática que geralmente escapa da literatura sobre o tema nas Ciências Sociais, ao mesmo tempo que se entrelaça com a subjetividade de cada um. Tal subjetividade não pode ser ignorada, visto que compõe um dos marcadores de tempo que é essencial para se desenvolver a consciência geracional.

O tempo das gerações tem um sentido simultaneamente temporal e histórico. Esse tema começou a ter um estatuto teórico mais avançado elaborado por Mannheim (1928), que discute categorias relacionais e construções culturais:

Cada momento do tempo é, assim na realidade, mais do que um acontecimento pontual; é um volume temporal com mais do que uma dimensão, porque é sempre experimentado por várias gerações em diferentes etapas de desenvolvimento. (MANNHEIM, s.d., p.125)

2 – SUBJETIVIDADES REVELADAS EM ENTREVISTAS

Trabalhar com pesquisa qualitativa e utilizar entrevistas semiestruturadas foi o pontapé inicial para a feitura deste trabalho. Como pesquisadora feminista e abordando um tema cujo foco eram mulheres bailarinas, escolhi fazer entrevistas porque

oferecem aos pesquisadores acesso às ideias, pensamentos e memórias nas palavras da própria pessoa, ao invés de ser nas palavras da pesquisadora. Isso é particularmente importante para estudos sobre mulheres pois, dessa maneira, aprender através de outras mulheres é um antídoto para séculos onde ideias de mulheres foram ignoradas ou que as histórias de mulheres foram contadas por homens. (REINHARZ, 1992, p.18, tradução minha)

Realizar um trabalho de pesquisa qualitativa com entrevistas requer tempo e escuta. É preciso dedicar muita atenção para ouvir a pessoa que está ali para contar a própria história. É um privilégio e uma responsabilidade estar com alguém que compartilha sua vida e sua subjetividade. “A escuta cuidadosa de uma mulher permite que a outra mulher desenvolva ideias, construa sentidos e use palavras que expressem esses sentidos” (REINHARZ, 1992, p.24, tradução minha)

A subjetividade na pesquisa também se relaciona com questões pessoais da própria pesquisadora. Por também ser bailarina e ver constantemente mudanças no meu corpo e na minha performance enquanto envelheço, me aproximo das minhas entrevistadas por razões acadêmicas e emocionais. A emoção na pesquisa feminista é o tema tratado e acolhido por Jaggar (1997), trazendo um contraponto à tradição filosófica ocidental que considerava as emoções de uma forma geral como prejudiciais ao conhecimento.

Sobre a temática de emoção na pesquisa, ela aduz:

Assim como a observação direciona, molda e define parcialmente a emoção, assim também a emoção direciona, molda e até define parcialmente a observação. A observação não é simplesmente um processo passivo de absorver impressões ou registrar estímulos; ao contrário, é uma atividade de seleção e interpretação. O que se seleciona e como se interpreta é influenciado pelas atitudes emocionais. (JAGGAR, 1997, p.167)

Jaggar (1997) questiona o mito da investigação imparcial, ressaltando que as emoções têm um valor tanto intrínseco como instrumental. A tradição positivista que vê a influência da emoção como fator de distorção ou impedimento da observação ou do conhecimento é questionada. A ideia de que conclusões feitas sem influência das emoções são “objetivas” é um *modus operandi* de fazer ciência ligado à maneira masculina no fazer científico.

A crítica feminista tem avançado da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência para questionar os próprios pressupostos básicos da Ciência Moderna, virando-a de cabeça para baixo ao mostrar que ela não é nem nunca foi “neutra” (SARDENBERG, 2001). Valores como “neutralidade” e “imparcialidade” na ciência são continuamente questionados e denunciados por nós, pesquisadoras feministas.

Pode-se dizer que, de uma maneira geral, a crítica feminista historiciza a ciência e se volta para a análise de como as categorias de gênero têm historicamente influenciado os conceitos de conhecimento, sujeito cognoscente, justificativas e práticas de investigação ditas científicas. (SARDENBERG, 2011, p.10)

As pesquisadoras feministas que utilizaram entrevistas nos seus estudos modificaram conceitos da ciência e

criaram novas formas de ver o mundo. Ouvir outras mulheres falarem, entender que essas mulheres fazem parte de sistemas sociais particulares, estabelecendo o acesso a fenômenos apenas através de entrevistas sensíveis, são procedimentos que dão às pesquisadoras feministas que trabalham com entrevistas a capacidade de revelar um mundo de experiência negligenciadas ou incompreendidas (REINHARZ, 1992, p.44, tradução minha).

3 - MANEIRAS DE VER O ENVELHECIMENTO

A dificuldade de se perceber a condição geracional, a posição geracional do sujeito ou a dinâmica social, partindo do ponto de vista das relações entre gerações, pode ser justificada tanto pelo aspecto multifacetado como se realiza como pela polissemia do termo (BRITTO DA MOTTA, 2010, p.2).

Em sentido amplo, a geração representa a posição e a atuação do indivíduo em um determinado grupo de idade e/ou de socialização no tempo – daí advém a dinamicidade representada por essa condição. A idade de cada indivíduo muda a cada ano, assim como uma geração é construída a cada nova pulsação social, o que significa o fazer estrutural de uma nova dimensão da vida social, que também se tece a partir de afetividade e de relações de poder. Concomitantemente, esse sistema de relações é imbricado com outros sistemas de relações, como por exemplo, as dimensões de gênero e de classe social (BRITTO DA MOTTA, 2010, p.2).

A sociedade se desenvolveu tomando a idade e o sexo/gênero como critérios fundamentais na organização e na integração social, ao mesmo tempo em que construiu outras formas de organização que resultaram em discriminação e exclusão também fundadas na idade – da mesma forma que critérios relacionados a gênero. Sendo assim, na modernidade, a vida social está impregnada de etarismo, assim como de sexismo. Porém, a forma como o preconceito em relação à idade se apresenta é mais sutil do que o sexismo.

Por esse motivo, a categoria geração é menos usada do que outras quando se busca realizar uma análise interseccional. Geralmente, a tríade gênero, raça e classe

é tomada como ponto de partida em trabalhos que tenham como referencial teórico a interseccionalidade, deixando de abarcar categorias importantes como sexualidade e geração.

Alguns relatos demonstram que existe a percepção do modo diferenciado como homens e mulheres experienciam a velhice, como, por exemplo:

“A geração de hoje, das mulheres com 80 anos, elas não tiveram escolha. Elas foram criadas para ter filho, as que divergiram disso é porque são pessoas com personalidade forte demais e muitas fugiram de casa e enveredaram por outro caminho mas é uma grande minoria. Minha mãe, por exemplo, é uma pessoa que se deixasse, minha mãe tem uma asa gigante! Ela, coitada, ela foi cortada! Foi feliz, mas a gente vê pelo interesse de minha mãe em estudar... mesmo sozinha, autodidata, porque ela é de uma família de dez filhos, eram sete homens e três mulheres. Os sete homens estudaram, só três se formaram. Minha mãe poderia ser uma excelente profissional e não foi porque só estudou até o primário, primeiro grau, por conta de ser normal. Era normal isso, era comum, ainda mais no interior. É muito triste isso. Hoje em dia a gente não vê, graças a Deus, porque minha geração foi uma geração que estudou!” (Luciana, 54, ENTREVISTA)

Mais uma vez acho que existe um preconceito sobre mulheres de uma certa idade, que devem se recolher a serem avós e cuidarem, uma coisa um pouco mais doméstica, um pouco mais fora da sociedade. Com homens não! A própria questão profissional, desde quando as mulheres começaram a trabalhar e a lutar por direitos iguais, isso talvez tenda a diminuir, mas os homens continuam com uma vida ativa profissional e social por muito mais tempo que as mulheres. (LYDIA, 55, ENTREVISTA)

As falas dessas entrevistadas demonstram que a pauta das feministas dos anos 1970 ainda se atualiza nos discursos contemporâneos. A ideia de que “o pessoal é político”, pauta de luta e discussões, ainda aparece em alguns discursos ao se tratar a questão doméstica. A mulher ainda aparece no imaginário social como atrelada à esfera doméstica, mesmo com o ingresso no mercado de trabalho e as lutas travadas pelas mulheres no âmbito da igualdade de gênero e equiparação salarial.

Ao dizer que o pessoal é político, o feminismo destacou como as relações interpessoais – na família, na conjugalidade, em todos os espaços – refletem padrões mais amplos de dominação e, ao mesmo, contribuem para que eles sejam reproduzidos. A barreira que separa o privado do público é um poderoso obstáculo no enfrentamento da opressão.

A condição de gênero acaba ensejando representações distintas e uma das mais importantes se refere

justamente aos modos de participação no mundo do trabalho e suas consequências. O panorama de gênero quanto aos idosos, até meados do século XX, era apresentado da seguinte forma: homens aposentados, que passavam do mundo público para a esfera doméstica, e mulheres que, em sua maioria, prosseguiram como participantes do mundo privado, como donas de casa e “mães de família” (BRITTO DA MOTTA, 2006).

A sexuação das idades é um construto social e é prática que se interiorizou de forma profunda. É um indicador da hierarquia masculino/feminino que vai ressurgir qualquer que seja a instância que esteja dominando a sua construção. A respeito disso, é exemplar o caso das evoluções do mercado de trabalho (LANGEVIN, 1998).

A regulação das idades no feminino, quando enquadrada pelo mercado de trabalho, tentou se fundamentar em dois aspectos: a vida profissional e a vida privada. O assalariamento feminino foi admitindo a descontinuidade profissional das mulheres, utilizando a antecipação das interrupções de trabalho por causa da maternidade e ao “absenteísmo” das mulheres esposas e mães (LANGEVIN, 1998).

Questões relativas à temática geracional envolvendo poder também aparecem:

O homem, principalmente o homem casado, ele cria uma dependência muito grande e ele vai se infantilizando à medida que ele envelhece. Primeiro porque ele não aceita que está perdendo poderes, está perdendo influência na sociedade, que está perdendo comando, que está perdendo virilidade, ele não aceita nada disso, então para ele envelhecer é uma coisa difícil. (ANNA, 53, ENTREVISTA)

Falar que o homem vai perdendo poder conforme envelhece nos remete ao jogo de poderes entre as gerações, que se desloca e se reinstala em moto contínuo, fazendo uma aproximação conceitual com termos da filosofia pós-estruturalista de Gilles Deleuze, ao tratar de “territorialização” e “desterritorialização”. É como se o conceito de geração se territorializasse e se desterritorializasse o tempo inteiro, por ser um conceito dinâmico, que se move de acordo com o tempo social e com o tempo subjetivo dos indivíduos enquanto vão adquirindo uma consciência de geração.

A perda de comando e de poder também pode ser lida com relação ao mercado de trabalho. Conforme o envelhecimento vai ganhando terreno, a aposentadoria também se aproxima. Valores como comando e poder normalmente são atrelados ao posicionamento no mercado de trabalho. A saída do mercado de trabalho é um grande impacto na perspectiva subjetiva frente ao envelhecimento.

Essa fala corrobora a tendência de alguns autores de terem um olhar mais otimista sobre o envelhecimento feminino. Para esses autores, a velhice feminina seria mais suave do que a masculina, visto que a mulher não vivencia uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta quanto os homens (DEBERT, 1994).

Mas persistem diferenças de percepção da experiência do envelhecimento como mais negativa para elas:

O tempo, ele vai sendo muito mais cruel com a mulher, em vários sentidos assim... de flacidez, de força muscular... (LORETTA, 28, ENTREVISTA)

Existe uma exigência maior para as mulheres em relação à beleza, ao corpo. O homem parece que não é muito cobrado em relação a isso, mas as mulheres são muito cobradas. (ROSA, 53, ENTREVISTA)

A mulher, ela exige mais da coisa física, por conta até da cobrança da sociedade. O homem, ele se cuida mais acho que pela saúde, né? Mas a gente vê os homens menos exigentes com eles mesmos. Eu acho. Pelo menos no meio que eu convivo. (Luciana, 54, ENTREVISTA)

A mulher passa por transformações desde no corpo a vida toda. São questões hormonais, gravidez, o corpo vai mudando...O corpo da mulher muda muito mais do que o corpo do homem. As mulheres são mais exigidas. Para o homem não é exigido estar bonito e jovem. A cobrança para o homem é completamente diferente. (ALESSANDRA, 30, ENTREVISTA)

Esses relatos demonstram como a condição de idade afeta homens e mulheres de forma diferente, além de guardar uma especificidade especial de gênero na situação da velhice. Como homens e mulheres vivem processos socializadores distintos, tanto na juventude como em suas trajetórias de vida de uma maneira geral, por mais que o processo de envelhecimento traga experiências que sejam ou aparentem ser comuns à condição etária, a condição de gênero possibilita experiências e representações diferentes (BRITTO DA MOTTA, 2006, p.2).

Uma definição do envelhecimento é feita por Langevin (1998) ao discutir a construção social das idades:

O envelhecimento é uma construção feita de passagens obrigatórias que delimitam e orientam a dinâmica do processo. As referências que organizam as representações do tempo nunca são anódinas. Elas permitem ver etapas normativas na construção do sentido da duração. Sua organização orienta os comportamentos e modifica as práticas. (1998, p.129-130)

A velhice é comumente mais associada à decadência do que à sabedoria ou experiência, não apenas em relação ao desgaste e à decadência física, como também à fealdade, doença e dependência. Em uma sociedade que privilegia a juventude e a associa à beleza, o corpo velho remete de antemão a perdas e proximidade da morte (BRITTO DA MOTTA, 2006, p.2). A própria sociabilização perpassa por uma rejeição ao velho. As crianças aprendem desde pequenas a rejeitar e mesmo temer o velho, em exemplos como “bruxa velha” ou “velho do saco”, personagens que povoam o imaginário infantil nutrido repulsa.

O processo de ordenamento das idades e recuo da mortalidade para o final do percurso ainda abala esquemas mentais e é responsável por provocar medo em face do envelhecimento, tendo raízes muito antigas. O critério das idades tem diversas implicações econômicas, sociais e psicológicas. Os lugares onde a legitimidade das fronteiras de idade é elaborada são múltiplos e manejam lógicas diferentes (LANGEVIN, 1998)

Existe uma ampla gama de critérios para se demarcar o que venha a ser “idoso”. O mais comum desses critérios toma como base o limite etário, como, por exemplo, a definição da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994). Essa definição é endossada pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003). A OMS define como idosas as pessoas que têm 60 anos ou mais, para residentes de países em desenvolvimento, e 65 anos ou mais para residentes de países desenvolvidos (CAMARANO, 2004).

A referência imediata ao conceito de “idoso” normalmente se associa a características biológicas. O momento a partir do qual os indivíduos passam a ser tidos socialmente como “velhos” seria o limite etário. No entanto, “idoso” não identifica apenas indivíduos em

um determinado ponto do ciclo de vida orgânico, mas também em um ponto determinado do curso de vida social.

Mannheim, na tentativa de apresentar uma concomitância biológica e sociológica do problema das gerações, aponta que:

O fenômeno sociológico das gerações baseia-se em última análise, no ritmo biológico do nascimento e da morte. Mas basear-se em um fator não significa necessariamente ser deduzível a partir dele, ou ser pressuposto por ele. (s.d., p.135)

O ritmo biológico é de extrema importância para a análise da temática em questão, mas não dá conta da discussão. Para se pensar o tema das gerações, outros aspectos precisam ser envolvidos e observados. Um determinado grupo social, mesmo se for definido apenas etariamente, não vai suscitar referências somente a um grupo de pessoas com muita idade, mas a indivíduos com certas características sociais e biológicas.

Camarano (2004) aponta limitações na formulação do conceito de idoso:

O conceito de idoso, portanto, envolve mais do que a simples determinação de idades-limite biológicas e apresenta, pelo menos, três limitações. A primeira diz respeito à heterogeneidade entre indivíduos no espaço, entre grupos sociais, raça/cor e no tempo. A segunda é associada à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais e a terceira à finalidade social do conceito do idoso. (2004, p.5)

As limitações mostradas por Camarano dialogam com as considerações feitas por Debert no que concerne ao estudo dos grupos e das categorias de idade na antropologia. Debert analisa como a velhice não é uma categoria natural, mas socialmente produzida. Desse modo, é feita uma distinção entre um fato natural, o ciclo biológico, envolvendo o nascimento, o crescimento e a morte, e um fato social e histórico, a multiplicidade das formas de conceber e viver o envelhecimento. Analisando pela perspectiva antropológica e histórica, deve-se ressaltar que as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que é dado a eles pelos mais jovens ganham significados particulares quando são vistos a partir de contextos sociais, históricos e culturais diferentes (DEBERT,1998).

4 - ENVELHECER DANÇANDO

Considerar o curso da vida humana através da perspectiva das Ciências Sociais demonstra que se está tratando de um problema de intersecção da Biologia e da cultura. A separação corpo/mente, um legado do dualismo cartesiano e que representa uma grande influência no Ocidente, coloca o corpo nos limites da Biologia e deixa para a Sociologia a análise das estruturas sociais, dos atores ou agentes que parecem existir fora do que é exigido como tempo de vida do corpo.

Assim sendo, pode-se dizer que a Sociologia tem negligenciado o lugar do corpo na vida social, e, particularmente, o lugar do corpo vivo (FEATHERSTONE,1994).

A capacidade de operar dos corpos é mediada pela cultura, uma vez que eles não operam no mundo social como “coisas em si mesmas”. A cultura se inscreve sobre os corpos e nós devemos examinar quais são os modos particulares pelos quais isso acontece em diversas sociedades, incluindo o papel das imagens sobre nossas percepções acerca do corpo e os modos através dos quais a construção das identidades depende da construção das idades do corpo (FEATHERSTONE, 1994).

O mundo da dança e o universo das bailarinas ilustra diversas limitações relativas a imagens do corpo e classificações etárias. Em grandes companhias existe uma idade limite para que uma bailarina possa realizar audições – normalmente os 30 anos. Além disso, exige-se muito do corpo. Para além de exigências relativas à força e ao tônus muscular, o corpo considerado ideal está atrelado a magreza, beleza e juventude. Tantas exigências, aliadas a uma exaustiva rotina de aulas, ensaios e espetáculos, têm um grande impacto nas profissionais que atuam nesse ramo. Nesse sentido elas depõem:

As pessoas só entendem a juventude como cheia de vigor para dançar. Então é claro que você vai mudar um pouco sua modalidade, como você vai usar o corpo hoje, que você não tem mais as mesmas aptidões que você tinha quando era mais jovem, então você muda um pouco o foco. Mas você começa a interagir com outras artes, então entra um pouco de teatro, entra um pouco de música... A dança se modifica, ela fica muito mais expressiva, no sentido de menos performática, utilizando menos pernas altas ou grandes giros, mas muito mais a parte expressiva do seu corpo e toda a *finesse* do movimento que foi adquirida ao longo dos anos. (ANNA, 53, ENTREVISTA)

Quando eu entrei na companhia, tinha uma exigência muito grande em relação a ter o corpo perfeito, a ter o “corpo da bailarina”. A exigência do ballet clássico, era de ser muito esbelta. Tinha uma cobrança muito grande da minha parte e também dos dirigentes. (ROSA, 53, ENTREVISTA)

O corpo ideal pra ser bailarina, grande bailarina, você precisa ter membros longos, pescoço longo e cabeça pequena, é toda uma junção. Pra você ficar assim com aquele físico esperado. (...) Infelizmente ballet tem isso. Pede o culto aos ossos. Infelizmente, para o ballet, quanto mais magra melhor! (CLAUDIA, 54, ENTREVISTA)

O ser bailarina te obriga a pensar o corpo de uma forma diferente. A gente se cobra também por estar no palco, trabalhar com o corpo...A gente quer sempre estar mais do que saudável! Esteticamente eu ainda tenho idealizações. (LYDIA, 55, ENTREVISTA)

Quando eu comecei a dançar eu fui atrás do padrão, que era da bailarina super magra, *en dehors*... E tudo o que eu fazia era em busca da conquista daquele corpo. Demorou demais até que eu pudesse entender que esse padrão era impossível de ser alcançado! Pra mim! Foi muito sofrimento, meu psicológico vivia abalado! (ALESSANDRA, 30, ENTREVISTA)

Profissionalmente eu vejo ainda hoje, infelizmente, muita repressão, muita repressão com as mulheres. Elas às vezes querem, mas às vezes elas mesmas voltam atrás pra não ter que enfrentar tanta barreira. É uma pena porque é tanta gente com talento, tanta gente que pode ter a dança como aliada, para bem-estar, pra saúde, pra qualidade de vida física e mental e elas abrem mão por conta de preconceito. (Luciana,54, ENTREVISTA)

Os relatos das bailarinas demonstram como tal atividade exige um corpo de acordo com padrões estabelecidos. O objetivo requerido reúne forma, eficiência e uma estética determinada. O corpo magro e a juventude são valores basilares dentro do universo do *ballet*, sendo em torno deles que se institui a técnica.

Mauss define as técnicas corporais como “maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (2003, p.211). Traz como exemplo ilustrativo as técnicas de nado, mais especificamente as mudanças advindas com o passar das gerações. A técnica referida teve uma inversão, antes era ensinado a mergulhar com os olhos fechados e só abri-los debaixo da água e que primeiro se aprendia a nadar para depois aprender a mergulhar. Ele fala que sua geração assistiu a uma mudança completa da técnica. Mesmo com um novo paradigma referente à melhor maneira de nadar e mergulhar, ele continuava repetindo a técnica que já havia aprendido anteriormente pois não conseguia se desembaraçar dela.

Em se tratando de uma bailarina, a técnica vai criar relações com movimentos adequados do corpo, sua redefinição ou aproximação do dito “corpo ideal” do *ballet* clássico. No ballet clássico, a técnica ensinada exige o “*en dehors*”, que é a rotação para fora de pés, joelhos e coxas. É um tipo de treinamento que exige muito do corpo e presume força muscular e tônus para a perfeita execução dos movimentos aprendidos. Bailarinas revelam um pouco das dificuldades encontradas perante essas exigências:

Jovem já é difícil, a dança de um corpo maduro, quase idoso, é mais complicado ainda, então é muito nítido, apesar de que ultimamente eu tenho visto companhias que se mantêm, claro que os bailarinos não estão com 50, ou 60 anos, mas ainda assim são bailarinos bem mais velhos também. (LORETTA, 28, ENTREVISTA)

Com a idade, o que é que a bailarina vai perdendo: vai perdendo tônus muscular, perde força de pulo, de giro, de pirueta... A idade é inimiga,né? (CLAUDIA, 54, ENTREVISTA)

Tem exigência de juventude porque na dança o corpo velho é um corpo ridicularizado. É um corpo colocado à margem. São raros trabalhos de dança com pessoas mais velhas. O corpo exigido pelo mercado da dança e também socialmente ainda é o corpo magro e jovem. (ALESSANDRA, 30, ENTREVISTA)

Ainda assim, existem as reações:

Eu acho que apesar dos meus 53 anos eu ainda estou muito vigorosa, eu ainda consigo fazer muita coisa e pra mim é saúde, é bem estar, é isso! A gente tem que buscar aceitação na velhice também porque os hormônios param, você não tem mais a capacidade metabólica, então seu metabolismo é mais lento. Você não pode comer as coisas, você tem que se privar de algumas coisas. Você não pode comer chocolate todos os dias, você não pode comer doce todos os dias como você comia na sua juventude. Mas, é uma adaptação, e também porque você tem uma história para contar com o seu corpo. (ANNA, 53, ENTREVISTA)

Eu tenho uma relação assim, de aceitação, porque eu não tenho mais o vigor e a flexibilidade de quando era jovem, e eu também ganhei peso. Porque a mulher depois de uma certa idade, o metabolismo reduz, então eu fico sempre brigando em estar equilibrando, assim, o peso. Mas é (uma relação) de muita aceitação. (Rosa, 53, ENTREVISTA)

Nós somos um corpo em mutação, então a idade faz com que a gente mude. Eu me sinto muito mais bonita hoje. Não é uma beleza física mas eu gosto muito mais de mim hoje. Mas, meu corpo fisicamente claro que mudou, a gente deixa de ter algumas coisas, ganha outras...mas como eu nunca tive um afastamento de atividade física de dança, eu sei que, meu corpo, eu consigo manter uma estética de meu corpo muito por conta disso. Mas o tempo pesa. O tempo realmente muda nosso corpo. Eu sou adepta a aceitar. Eu aceito minhas rugas, eu aceito minhas coisas que vêm com a idade. (Luciana, 54, ENTREVISTA)

Bailarinas de gerações diferentes têm compreensões distintas sobre o lugar do corpo envelhecido na dança. Enquanto as bailarinas mais jovens se atêm às dificuldades e ao pouco espaço do mercado, ou ainda à pouca receptividade para trabalhos de dança que envolvam, em cena, corpos que não são mais jovens, as bailarinas mais velhas estabelecem relações de aceitação com seus corpos, acolhem as mudanças no metabolismo e enxergam as potencialidades e a beleza que existe em “contar uma história com o seu corpo”.

São modos diferentes de conceber o envelhecimento e o curso da vida e que vão além da dicotomia que procura afastar o corpo da cultura e o corpo da vida social. A maioria das bailarinas entrevistadas nesse artigo desfruta de uma condição de trabalho que não é comum na área da dança, fazem parte de uma grande companhia que é mantida pelo estado. Por isso, além de possuírem uma segurança financeira, possuem também uma estabilidade profissional pois são funcionárias públicas do estado. Tal fato permite que muitas continuem dançando mesmo com o avançar da idade, o que não é a mesma realidade de profissionais autônomas que muitas vezes precisam ter mais de um emprego para conseguir viabilizar um trabalho artístico.

Conseguir reunir bailarinas com trajetórias distintas enriquece o trabalho e não permite que percepções extremamente positivas em relação ao corpo e perspectivas de trabalho com o envelhecimento na dança sejam tomadas como regra. Diante de tal reflexão, é importante demarcar um lugar de privilégio de algumas bailarinas por continuarem dançando mesmo depois dos trinta anos, época que aparece em alguns discursos delas próprias como limite do uso de corpo como instrumento de trabalho para uma grande bailarina.

Seguem refletindo sobre idade e limites na vida da bailarina:

“Eu comparo muito a vida da bailarina com a do jogador de futebol. Porque tem idade pra você estar com o gás no corpo que você precisa para fazer a quantidade de horas de aula que uma grande bailarina precisa. Se você é contratada por uma companhia para dançar pela companhia, a companhia exige de você, o tempo de horas de aula, de ensaio e você tem que trabalhar. É o seu trabalho. Eu acredito assim, que tem grandes bailarinas que dançam, como Ana Botafogo, são bailarinas que vão até lá seus quarenta, cinquenta... dançando em palco. Mas eu acho, no geral, uns vinte quatro, vinte cinco, assim

estourandinho. Quando a bailarina é muito talentosa ela consegue chegar aos trinta, trinta e poucos anos.” (CLAUDIA, 54, ENTREVISTA)

Como bailarina profissional, é difícil dizer a idade, mas talvez até uns quarenta anos... (FRIDA, 38, ENTREVISTA)

Featherstone (1994) faz algumas proposições para o desenvolvimento dos modos de concepção do envelhecimento e do curso da vida. Entre os pressupostos elencados por ele, está o de que a vida é um processo. Isso quer dizer que devem ser focalizados o tempo de vida vivido pelas pessoas e a maneira pela qual esse tempo é social e culturalmente organizado. Um outro pressuposto é o de que não há um processo único de vida para todos nós. Cada pessoa vai vivenciar o seu processo e ter suas percepções individuais e subjetividades.

É inegável se deparar com algumas percepções que são mais filosóficas e chegam a ser poéticas:

“Seu corpo é o instrumento de sua vida e o instrumento da vida não tem fim. Quanto mais você conhece o seu corpo, mais você vai querendo continuar buscando novas maneiras e acreditando que quanto mais você trabalha e descobre, vai descobrindo cada vez mais através do seu próprio corpo uma maneira de continuar a descobrir de que maneira você encontra um corpo que pensa, um corpo que sente, um corpo que acredita na criatividade e na maneira de descobrir quem sou eu.” (Angel Vianna, 90)

Estar diante de uma bailarina que com 90 anos, pesquisa, coreografa e dança desafia todos os paradigmas de idade, geração e percepções sobre o próprio corpo. A fala referida além de romper com expectativas relativas à idade esperada ou ideal de determinadas realizações, mostra que existem várias formas de entender o corpo como instrumento de trabalho e que as interpretações possíveis são sensíveis e infinitas.

REFERÊNCIAS:

ANJOS, Kátia; OLIVEIRA, Cristina; VELARDI, Marília. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2015, jul-set, p.439-452.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Conscience de générations et genèse de l'historicité. In: **Sociologie des générations**. Paris: PUF, 1988, p.187-206.

BALANDIER, Georges. Pais e filhos, primogênitos e caçulas. In: **Antro-lógicas**. São Paulo, Cultrix, 1977.

BOURDIEU, Pierre. A 'juventude' é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-121.

BRITTO DA MOTTA, Alda. 'Terceira Idade' - gênero, classe social e moda teórica. In: COSTA, Ana Alice, Ívia Iracema (Orgs.). **Ritos, mitos e fatos**. Salvador: NEIM, 1997, p.103-120.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, UNICAMP, n.13, p.191-221, 1999.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão antropológica do envelhecimento. In: PY, Lígia; FREITAS, E.V. et al (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2006, p.78-82.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Revista Sociedade e Estado*, vol.25, n.2, Brasília, maio, 2010, p.1-13.

CAMARANO, Ana Amélia. Conceito de idoso. In: CAMARANO, Ana A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, IPEA, 2004, p.4-6.

DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.49-67.

DEBERT, Guita. Os significados da velhice no curso de vida pós-moderno. **Revista da Universidade de São Paulo**, vol.42, p. 70-82, 1999.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. Ageing and old age: reflections on the postmodern life

course. In: BYTHLEMY, B. et al (Orgs.). **Becoming and being old: sociological approach to later life**. London: Sage, 1989, p.143-157.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida : corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In : **Antropologia e Velhice**. Debert, Guita ; Simões, Júlio ; Featherstone, Mike ; Cohen, Lawrence. (orgs.). Textos didáticos, IFCH/ UNICAMP, n.13, mar., 1994, p.49-71.

JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO Susan R. (Ed.) **Gênero, corpo e conhecimento**. Tradução de: Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1997.

LANGEVIN, Annette. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. **Caderno CRH**, Salvador, n.29, 1998.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: **Diagnóstico do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1961, p.47-64.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: **Sociologia do conhecimento**. Porto, Portugal: Res Editora [s.d.], p.115-176.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MÜLLER, Elaine. Repensando a problemática da transição à adultez: Contribuições para uma antropologia das Idades. *Revista de Ciências Sociais*, n.31, set, 2009, p.107-125.

REINHARZ, Shulamith. **Feminist Methods in Social Research**. New York: Oxford University Press, 2002, p.18-45.

SARDENBERG, Cecília. A mulher frente a cultura da eterna juventude. **VI Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero**. NEIM/UFBA, Salvador, Bahia, 29 de nov. a 1º de dez./2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6847/1/Cec>

%C3%ADlia%20Sarde%20
A%20mulher%20frente.pdf>. Acesso em: jul. 2018.

SARDENBERG, Cecília. Da crítica feminista à ciência
à uma ciência feminista? **X Encontro da REDOR.**
NEIM/UFBA, Salvador, 29 de out. – 1º de nov./2001.
Disponível em:
<[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers
%C3%A3o
%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.p
df](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf)>. Acesso em: jul. 2018.